

Público

16-02-2015

**Periodicidade:** Diário  
**Classe:** Informação Geral  
**Âmbito:** Nacional  
**Tiragem:** 51453

**Temática:** Economia  
**Dimensão:** 604  
**Imagem:** S/Cor  
**Página (s):** 47

# A força da ideia realizada

## Debate Economia e iniciativa Eugénio Viassa Monteiro

**N**a minha actividade profissional conheci realizações admiráveis, algumas retratadas em “Casos” para estudo e discussão. Uma mesma força transformadora delas se pode identificar em países e latitudes muito diferentes: desde que sejam ideias sólidas, levadas à prática com eficácia, com boa dose de inovação, tendem a elevar todas as instituições do sector a que respeitam.

– Quem se lembra de como funcionava a nossa banca até 1986? Para qualquer movimento que devesse fazer, parecia que o empregado me dizia: “Por que me vem aborrecer a mim e não vai ao banco ao lado”? De facto, ninguém mo disse, mas entendia-se... Eram ainda os tempos “revolucionários”.

É quando aparece um banco ágil, que se move ligeiro, inova, personaliza, dá bom serviço ao cliente. E os bancos estabelecidos, entre aturdidos e espantados, perguntam-se: será possível? E, rapidamente, entre esforços por acertar o passo, e aquisições, os nossos serviços financeiros põem-se ao nível do melhor e mais eficaz do mundo. Num período de três anos e pouco!...

Talvez estivessem todos à espera de um “líder” com ideias e força de as levar à prática, para elevar toda a banca do seu frustrante nível de mediocridade.

– Na Índia dominada pelos ingleses, nem havia abastecimento organizado de bens essenciais como o leite, nas grandes cidades. E uma empresa inglesa foi posta para fornecer “leite para Mumbai”, adquirido-o aos intermediários que exploravam os agricultores, no melhor estilo.

No movimento de libertação da Índia havia defensores de cooperativas, para velar pelos interesses dos agricultores. Criam-se, então cooperativas de aldeia, que se associam em uniões distritais e, estas, em federações, no Estado de Gujarete. Por casualidade um jovem, V. Kurien, vem trabalhar para compensar a sua bolsa de estudos nos EUA. Talvez não pensasse ir para além do mínimo,

mas vê o grande potencial de transformar a sociedade, mobilizando os agricultores na criação de riqueza. Paga bem o leite que os cooperantes entregam, e dá bons preços ao consumidor final. Só o consegue por o processo de transformação ser muito eficaz e contido nos custos; pelo meio, cria produtos de valor acrescentado.

Quando há compra garantida, a um preço aceitável, a produção dispara; e a direcção da cooperativa vai fazendo novos



**Quando uma sociedade é capaz de acalantar ideias que revolucionam a economia e a sociedade, ela pode dormir descansada**



investimentos para ampliar a gama de produtos derivados: leite pasteurizado, queijo, manteiga, *baby-food*; chokolataria, iogurtes, gelados, *mozarella*, etc. O sucesso é estrondoso e pedem a Kurien para replicar o modelo noutros Estados; além disso, que organize uma cooperativa para óleos alimentares, onde *reinava* uma terrível máfia. Tudo feito com dedicação, saber, coragem e patriotismo!

As iniciativas cooperativas de leite abrangem hoje toda a Índia, tendo passado esta a ser o 1.º produtor mundial, ultrapassando os EUA em 1998. Um estudo dizia que 70 milhões de famílias indianas têm hoje um rendimento adicional substantivo dessa actividade.

Quando uma sociedade é capaz de acalantar abundantes ideias que revolucionam a economia e a sociedade, ela pode dormir descansada. Necessita apenas de dar bom acolhimento às pessoas empreendedoras, que pensam bem e realizam melhor.

Professor da AESE. Presidente da AAPI

